
Editorial

A INTERRUPÇÃO prolongada a que os *Cadernos* estiveram sujeitos até à publicação do presente número não pode deixar de merecer algumas palavras pelo respeito que os associados e os assinantes nos merecem. Em Julho do ano passado, a anterior equipa responsável — Directora e Conselho de Redacção — apresentou a demissão.

O Conselho Directivo Nacional debateu na altura, de imediato e aprofundadamente, a situação daí resultante, tendo concluído que, das duas hipóteses em presença para ultrapassar o problema, uma era de excluir liminarmente, isto é, a nomeação de uma nova equipa responsável completamente exterior ao Conselho Directivo Nacional. Estava-se a apenas sete meses das eleições para os Corpos Gerentes da Associação pelo que tal decisão, a ser tomada, deveria ser da responsabilidade da nova Direcção, criando-se condições para um diálogo frutuoso entre esta e a equipa nomeada para os *Cadernos*. Restava, pois, ao Conselho Directivo Nacional responsabilizar-se pelos *Cadernos* e «dar a cara» a eventuais críticas resultantes de uma interrupção temporária que já se podia adivinhar.

De facto, o Conselho Directivo Nacional encontrava-se na altura, por razões diversas, extremamente debilitado internamente. Dos nove elementos que estatutariamente o compõem — 7 eleitos, 2 por inerência — apenas quatro desenvolviam trabalho regular, obrigando estes a um esforço muito para além do que a previamente estabelecida distribuição de pelouros e a consequente e esperada assumpção de responsabilidades deveria exigir. Não fora a circunstância de se estar perante a conclusão de projectos que se considerava de grande importância para a Associação e cuja interrupção se mostraria extremamente lesiva desta e a apresentação da demissão teria sido a resposta certa a tão significativo desequilíbrio no seio do Conselho

Directivo Nacional. Não quisemos que assim acontecesse. Preferimos assumir a conclusão dos projectos em curso e aceitar que, chamando a nós outras responsabilidades — pelas razões já expostas —, poderíamos não ter forças para as honrar nos momentos que o calendário determinava.

Nas últimas eleições para os Corpos Gerentes da BAD, realizadas a 30 de Março do corrente ano, o Conselho Directivo Nacional sofreu uma profunda recomposição, sendo que dos nove elementos apenas dois transitaram do anterior — o Presidente da Associação e a Presidente da Delegação Regional do Sul.

A experiência tem demonstrado que, nos primeiros 2 ou 3 meses, uma nova Direcção está ocupada principalmente com questões de organização interna, a tomar conhecimento de forma detalhada do trabalho em curso na Associação, a definir prioridades de acordo com a estratégia estabelecida enquanto lista candidata e, não raro, a resolver um número significativo de pequenos problemas «herdados» do mandato anterior. Razões pelas quais a retoma de uma determinada actividade associativa pode não ocorrer imediatamente após a entrada em funções da nova Direcção, principalmente se a actividade em causa é uma das que assumem maior importância na BAD e exige, por conseguinte, uma acção firme mas serena, por forma a que a uma convulsão não se suceda outra.

Com empenhamento mas sem precipitações, o Conselho Directivo Nacional tem vindo a dar continuidade à política de consolidação e fortalecimento da Associação, anteriormente iniciada.

Um projecto complexo, como é o da Associação na sua intervenção na sociedade portuguesa, só pode desenvolver-se com a independência que deve caracterizar a acção de qualquer organização não governamental (ONG), se estiver alicerçado numa base estatutária e regulamentar que potencie ao máximo a participação dos associados em infraestruturas adequadas, em recursos humanos preparados e motivados e numa equipa de direcção coesa e cujo trabalho resulte dum equilibrado contributo de cada um dos respectivos elementos. Não pode criar-se a ilusão de que a Associação pode intervir eficazmente se se debater com graves problemas de base que diariamente envolvem e esgotam uma Direcção.

O sector editorial constitui uma das áreas de actividade fundamentais da Associação, sendo os *Cadernos* a sua jóia. Enquanto única publicação portuguesa neste domínio técnico e de actividade, os *Cadernos* têm ajudado a formar gerações de profissionais pelo que o retomar da sua publicação só podia constituir um imperativo. Que agora se cumpre.

ANTÓNIO JOSÉ DE PINA FALCÃO